LIVRO VERMELHO DOS MAMÍFEROS DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.)(2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental.* FCiências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCiências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

https://livrovermelhodosmamiferos.pt

Cofinanciado por:

Beneficiário:

Parceiro:

Entidades participantes:

Apoios:

HIST/IND
RE

Ursus arctos (Linnaeus, 1758)

Urso-pardo, Urso

Taxonomia
Carnivora, Ursidae

Ocorrência
Histórica/Indeterminada – **Hist/Ind**

Categoria
REGIONALMENTE EXTINTO – RE
Fundamentação: Considerado extinto como reprodutor em território nacional, provavelmente desde o séc. XIX. Regista-se uma única presença confirmada em 2019, correspondente à incursão ocasional de um indivíduo no extremo nordeste do país.

Distribuição
Global: Ampla distribuição, ocorrendo na maior parte do hemisfério norte. Na Europa, distribui-se principalmente pelos países do leste e do norte, mas com pequenas populações fragmentadas nas principais regiões montanhosas meridionais (McLellan *et al*. 2016). Na Península Ibérica, persiste apenas no norte de Espanha, nomeadamente nos Pirenéus e na Cordilheira Cantábrica (Naves & Fernández-Gil 2007, Palomero *et al*. 2021), tendo, em 1946, sido abatido um indivíduo a cerca de 1 km da fronteira portuguesa de Castro Laboreiro (Álvares & Domingues 2010, Caetano & Pimenta 2017).

Ursus arctos © Reno Sommerhalder

Portugal: Durante a Idade Média, terá ocorrido de forma fragmentada de norte a sul do país, abrangendo os principais sistemas montanhosos a norte do rio Douro, Beira Interior e bacias do Tejo e Guadiana (Álvares *et al*. 2019). A extinção em território nacional foi inicialmente datada de meados do séc. XVII (indivíduo abatido na Serra do Gerês em 1650, Baeta Neves 1967). Novos dados evidenciaram a presença da espécie no extremo norte de Portugal, em épocas mais recentes, incluindo um indivíduo abatido em território nacional (Montalegre) em 1843 (Caetano & Pimenta 2017). Na primavera de 2019 foi confirmada geneticamente a presença ocasional de um macho no Parque Natural de Montesinho (Bragança), a menos de 1 km da linha de fronteira com Espanha (ICNF/CIBIO, dados inéditos).

População e Tendência
População: Após séculos de declínio populacional devido a uma intensa perseguição e destruição do habitat, as populações no norte de Espanha estão, desde finais do séc. XX, a recuperar e a expandir-se, nomeadamente no que diz respeito à área abrangida por movimentos dispersivos de machos jovens (Naves *et al*. 2003, Palomero *et al*. 2021). Em resultado desta tendência populacional, em 2019 foi confirmada em território português, pela primeira vez nos últimos 150 anos, a sua presença pontual. Nos próximos anos, é de prever uma crescente intensidade na sua ocorrência ocasional no extremo nordeste Transmontano, apesar de ser pouco provável o estabelecimento de uma população reprodutora em território nacional.

Habitat e Ecologia
Ocorre numa grande variedade de habitats, sendo considerada uma espécie florestal sensível à perturbação humana.
Na Península Ibérica, persiste em zonas montanhosas dominadas por um mosaico de florestas nativas (25 a 50 % de cobertura florestal) com matos, rochedos e pastagens. Os habitats utilizados para refúgio diurno, hibernação e reprodução situam-se em áreas particularmente abruptas e inacessíveis aos humanos (Naves & Fernández-Gil 2007).
Apresenta uma dieta omnívora, consumindo principalmente matéria vegetal, cadáveres e insetos sociais (formigas e abelhas) mas podendo caçar, por vezes, mamíferos domésticos e selvagens (Naves & Fernández-Gil 2007). É tipicamente solitário e não

territorial. Os machos apresentam áreas vitais que cobrem 1300 km², sendo duas a cinco vezes superiores às das fêmeas. Os machos jovens apresentam um acentuado comportamento de dispersão, enquanto as fêmeas tendem a estabelecer-se nas proximidades das áreas maternas. Pode estar ativo a qualquer hora do dia, e embora habitualmente hiberne durante vários meses, as populações do sul da Europa podem apresentar atividade durante todo o inverno (Blanco 1998, Naves & Fernández-Gil 2007).

Fatores de Ameaça

As principais ameaças incluem a mortalidade por causas humanas (p. ex. caça furtiva e atropelamentos) e a fragmentação e perturbação do habitat, devido à destruição do coberto arbóreo e proliferação de infraestruturas humanas (Blanco 1998, Naves & Fernández-Gil 2007). É possível ainda que a perda de diversidade genética possa constituir uma ameaça a médio ou longo prazo (Palomero *et al.* 2021).

Relativamente a Portugal, face à futura ocorrência ocasional desta espécie numa paisagem com múltiplos usos humanos, é de prever a possibilidade de interações com a apicultura e outras atividades em zonas rurais de montanha (p. ex. cinegética, agro-pecuária, turismo), que deverão ser convenientemente compatibilizadas com a conservação da espécie. Além disso, a sua presença pode potenciar atitudes polarizadas e medo pelo risco de ataques a humanos e animais domésticos (Palomero *et al*. 2021).

Medidas de Conservação

As medidas de conservação deverão incidir sobretudo na área fronteiriça do norte de Portugal, principalmente no Parque Natural de Montesinho, devendo, em particular: i) fomentar o restauro e expansão de extensas manchas florestais com reduzida atividade humana; ii) conhecer as perceções das populações humanas locais e assegurar o envolvimento e capacitação dos sectores potencialmente mais afetados pela eventual ocorrência da espécie (p. ex. apicultores pelo risco associado à destruição de colmeias e caçadores devido ao risco de interação no decorrer de atividades cinegéticas); iii) fomentar a partilha de conhecimento tradicional/local e científico sobre a biologia e ocorrência histórica/atual da espécie em Portugal; e iv) prever a potencial área de dispersão em território português e assegurar uma eficaz monitorização da sua ocorrência.

Legenda do Mapa
Ocorrência confirmada de urso-pardo *Ursus arctos* em Portugal Continental entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:
Álvares F, Rosalino LM & Lopes-Fernandes M (2023). *Ursus arctos* urso-pardo. *In* Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.*